A large, clear water drop is suspended in the air, with a lush green tree growing inside it. The drop is falling into a pool of water, creating concentric ripples. The background is a soft, light blue gradient.

 Julho 2025

EDIÇÃO 02

BIG Notícias



Comitê de Bacia
Hidrográfica da
Baía da Ilha Grande





Com a palavra o presidente



Chegamos na metade do ano e a sensação é de dever quase cumprido. Avançamos em seis projetos, aportamos cerca de R\$ 5 milhões em causas que beneficiam diretamente os nossos corpos hídricos. Nosso Sanear BIG, o maior aporte da nossa história, vai impulsionar o saneamento básico e esgotamento sanitário dos municípios de Angra dos Reis e Paraty, beneficiando domicílios de áreas rurais e periurbanas. Serão R\$ 3 milhões investidos, somente neste projeto.

Avançamos em agendas importantes, como a segunda fase do saneamento ecológico da Aldeia Araponga e o início do projeto na Aldeia Sapukai, ambos desenvolvidos em parceria com o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), o Fórum de Comunidades Tradicionais e a Fiocruz.

Para o próximo semestre, temos agendas importantes no radar, como o início do nosso programa de educação ambiental.

Aproveito o espaço para agradecer a participação e o empenho de todos os membros e parceiros. Juntos, estamos escrevendo uma grande história para a nossa Bacia. E, com toda certeza, estamos só no começo.

PAULINHO TARITUBA

Diretor-presidente do CBH-BIG



Por Dentro Da Bacia

Comitê de Bacia Hidrográfica da Baía da Ilha Grande visita a Aldeia Araponga para início da nova fase do projeto de saneamento

O Comitê de Bacia Hidrográfica da Ilha Grande (CBH BIG) aportou R\$ 310 mil na nova fase do projeto de saneamento da Aldeia Sapukai, comunidade indígena localizada no município de Angra dos Reis, no estado do Rio de Janeiro. Na última semana, técnicos do CBH-BIG e OTSS/Fiocruz estiveram presentes na comunidade para definição da parte prática do projeto, que prevê a construção de mais dois banheiros, a reforma de um já existente, diagnóstico e um curso para armazenamento de água de chuva. “Desta vez, a nossa visita à aldeia teve como principal objetivo definir toda a parte técnica, como o local onde serão construídos os banheiros. A execução da obra e todo o material produzido serão desenvolvidos em conjunto com os indígenas, tendo como idiomas o português e o Guarani, o que facilitará a compreensão de todos”, comenta Luiz Paulo Nascimento, diretor-presidente do CBH-BIG. O início das obras está previsto para o segundo semestre.

O projeto Saneamento Ecológico da Aldeia Sapukai, teve início em 2024, sendo desenvolvido através de acordo assinado entre a AGEVAP e o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS), com aporte financeiro do Fundo Estadual de Recursos Hídricos, deliberado pelo Comitê de Bacia da Baía de Ilha Grande. “Este projeto permite que possamos levar mais qualidade de vida aos povos originários. Nesta fase do projeto, vamos ouvir os indígenas, entender as suas necessidades e desenvolver um projeto que esteja dentro do que a comunidade precisa”, comenta Tito Cals, pesquisador em Saneamento Ecológico no Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS/Fiocruz) e membro do CBH-BIG.

CONHEÇA ALGUMAS FASES DO PROJETO:

Oficina de Desenho para Construção Participativa com os Indígenas



Por Dentro Da Bacia



**Cores e
Grafismo**



**Formato das
Janelas**



Cor das Portas

**2 portas com
centro grafismo**

Portas verdes

Conheça um pouco mais sobre o sistema principal de tratamento de efluentes escolhido: **o Bioete.**

■ Não existe formação de lodo, o que torna a manutenção mais simples.

■ O sistema possui 2m de comprimento e 0,80 m de diâmetro.

■ Sem necessidade de cavar.

■ A caixa gradeada evita a entrada de materiais maléficos ao sistema.

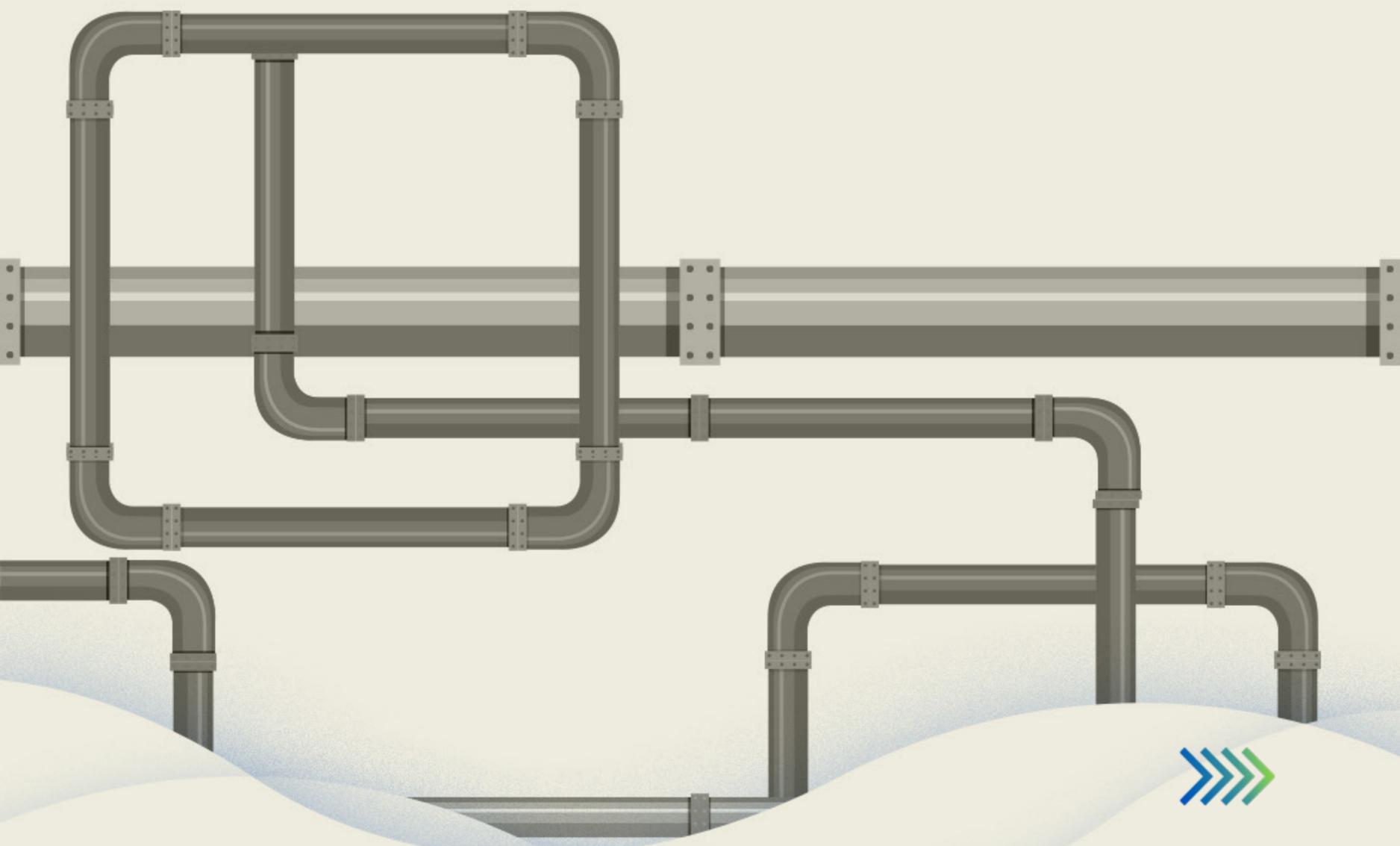


Por Dentro Da Bacia

Comitê de Bacia Hidrográfica da Ilha Grande levará esgotamento sanitário a mais de 260 famílias em Angra dos Reis e Paraty

Foi realizado o processo licitatório, através da AGEVAP, de cerca de R\$ 3 milhões de reais em obras de esgotamento sanitário que vão atender 267 famílias nas localidades de Taquari e Sertão do Taquarí, em Paraty, e Praia de Bananal e Praia da Longa na Ilha Grande, em Angra dos Reis. O aporte foi destinado, por meio do programa Sanear BIG, do Comitê de Bacia da Ilha Grande, a domicílios de áreas rurais e periurbanas, que não eram atendidos por redes e sistemas de esgotamento sanitário, a fim de reduzir o impacto de efluentes domésticos às principais captações de água da Bacia. “Ao longo dos anos, a Baía da Ilha Grande tem sido afetada pela descarga do esgoto não tratado e outros poluentes, comprometendo não só a qualidade da água, mas também a saúde das comunidades e biodiversidade. O programa tem como finalidade definir a aplicação estruturada deste recurso, contribuindo para a redução de doenças de veiculação hídrica, preservação do meio ambiente, melhoria da qualidade de vida, valorização imobiliária e turismo”, comenta o diretor-presidente do CBH-BIG, Luiz Paulo Nascimento.

O esgotamento sanitário é crucial para a saúde pública e o meio ambiente. Ele ajuda a prevenir doenças, proteger os recursos hídricos e garantir a qualidade de vida da população local. Por meio de um edital, aberto em 2024, 28 localidades foram inscritas pelas prefeituras dos municípios em questão. A licitação das obras foi realizada em 24 de maio. O próximo passo é a assinatura do Contrato e o início da mobilização social, onde as equipes visitam os moradores para falar do programa, da importância do esgotamento sanitário e buscam os aceites para que eles recebam gratuitamente as soluções. O programa poderá evitar que cerca de 150 mil litros de esgotos in natura sejam despejados por dia no meio ambiente. A previsão de início das obras é no segundo semestre de 2025.



Saneamento indígena: Os verdadeiros donos desta terra estão esquecidos

Tito Cals, engenheiro, pesquisador em Saneamento Ecológico no Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS/Fiocruz) e membro da diretoria do CBH-BIG (Comitê de Bacia Hidrográfica da Baía da Ilha Grande).

Fortalecer o saneamento dos povos originários deveria estar em qualquer planejamento, levando em consideração os quase dois milhões de indígenas que vivem em solo brasileiro, segundo o último Censo demográfico do IBGE. Entretanto encontramos uma realidade bem diferente, quando adentramos alguns territórios, observando indígenas vivendo em estado deplorável, sem uma estrutura básica aceitável para a vida humana. Não raro encontramos crianças e idosos, dividindo banheiros em péssimas condições, favorecendo o desenvolvimento de doenças e diminuindo a qualidade de vida de quem ali vive. Nesses bons anos em que trabalho com saneamento indígena, vi realidades de tirar o sono, como crianças que não puderam ser vacinadas devido às péssimas condições de higiene em que se encontravam e cacique de 103 anos que nunca tinha tido um banheiro em casa. O que será preciso acontecer, para que a atenção também esteja voltada para eles, os verdadeiros donos desta terra? Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a cada Real investido em saneamento é possível gerar uma economia de, no mínimo, quatro Reais em saúde. Ou seja, a conta da prevenção sempre sairá mais barata.

Sabemos que, em áreas urbanas, algumas metas definidas pelo novo Marco Legal do Saneamento, que visam a universalização dos serviços de abastecimento de água e coleta/tratamento de esgoto até 2033, já estão atrasadas e muitas pessoas ainda vivem em uma realidade inacreditável em pleno o ano de 2025. Para as comunidades tradicionais, o retrocesso é a ainda maior. Algumas aldeias estão literalmente esquecidas e entregues à própria sorte, quando falamos de questões sanitárias. O Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS/Fiocruz) enxerga este cenário há bastante tempo e, desde 2009, busca melhorar um pouco a realidade dessas comunidades através de tecnologias sociais em saneamento ecológico. O Comitê de Bacia Hidrográfica da Ilha Grande (CBH-BIG), por exemplo, instituição na qual também integro, desde 2011, aportou mais de R\$3 milhões em prol do esgotamento sanitário adequado e tratamento de esgoto de comunidades tradicionais de Angra dos Reis e Paraty. Parecem cifras altas, e realmente são, mas precisaríamos de, aproximadamente, mais de R\$ 12 milhões para sanarmos minimamente as questões sanitárias indígenas somente da região da Costa Verde do Rio de Janeiro.

A causa indígena tem pressa e os prejuízos vão além de questões humanitárias que já descrevi aqui. Os dejetos líquidos e sólidos, há anos jogados in natura no leito dos rios, impactam diretamente na qualidade da água consumida em todos os municípios onde aquele curso de água passa. Se consideramos, por exemplo, que cinco famílias utilizam os cinco banheiros construídos na Aldeia Araponga, em Paraty, cerca de 3 milhões de litros de esgoto deixam de contaminar o ambiente. Levando em consideração que algumas aldeias estão localizadas em nascentes, os estragos podem ser maiores.

Estamos correndo atrás do tempo perdido, inspirando o poder público, apresentando resultados e mostrando que é possível chegar nos lugares mais remotos. Principalmente quando trabalhamos junto com as comunidades, tornando os indígenas parte do processo, praticando uma escuta ativa, entendendo as suas necessidades e desenvolvendo um projeto que esteja dentro do que cada aldeia precisa. Infelizmente, todas as comunidades carecem de saneamento e, sem dúvida, temos o desejo de estar em todas, impulsionando o saneamento ecológico não somente da nossa região. Mas, como se diz por aí, abraçar o mundo não é possível. Alguns tentaram e não conseguiram. A boa notícia é que seguiremos firmes, trazendo cada vez mais referências positivas em prol dos verdadeiros donos desta terra e de nós, que chegamos um pouco depois.





Quilombo Santa Rita do Bracuí: História, Resistência e Futuro

Você conhece o Quilombo Santa Rita do Bracuí? Ele está localizado no distrito de Cunhambebe, no município de Angra dos Reis (RJ) e faz parte do território do CBH-BIG. A história dessa comunidade remonta a 1870, quando os descendentes de africanos escravizados permaneceram na região após a abolição, dando origem ao quilombo que hoje abriga cerca de 200 famílias, somando aproximadamente 1.800 pessoas.

As comunidades tradicionais, como a do Bracuí, são formadas por pessoas que partilham laços de parentesco, vizinhança, saberes, memórias e o sentimento de pertencimento a uma história comum. A história do Quilombo Santa Rita do Bracuí é profundamente marcada pela relação com Joaquim José de Souza Breves, o “Rei do Café”, um dos maiores traficantes de escravizados do século XIX. Após a proibição do tráfico negreiro pela Lei Feijó (1831), a família Souza Breves utilizou suas terras para o desembarque clandestino de africanos, abastecendo engenhos de açúcar e as plantações de café do Vale do Paraíba.

Hoje, muitas famílias do quilombo são descendentes diretos desses africanos. A memória dessa época é viva, preservada nas histórias orais e nas tradições culturais da comunidade. Um exemplo emblemático é a lembrança do naufrágio do Brigue Americano – Camargo, navio negreiro afundado próximo ao Bracuí. Segundo eles, a embarcação teria sido o último navio negreiro afundado, na Baía da Ilha Grande. Atualmente existe um estudo conjunto, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Associação Quilombola local, para levantamento de informações e preservação da região do naufrágio.

Além da memória dos navios tumbeiros, os moradores também recordam as ruínas de antigas fazendas e capelas dedicadas a Santa Rita e São José — nomes associados aos patriarcas da família Breves. Essas construções ainda hoje testemunham a resistência e a fé da comunidade.

O Rio Bracuí e a relação com o território

O Rio Bracuí é fundamental para a vida do quilombo. Suas águas limpas sustentam atividades de turismo comunitário, como banhos de rio, trilhas, contação de histórias e apresentações culturais de jongo. Contudo, nos últimos anos, as mudanças climáticas e enchentes severas alteraram o curso do rio, causando sérios problemas para a região. A ocupação desordenada, com construções próximas às margens, tem agravado os impactos ambientais. A comunidade luta pela preservação da mata ciliar e pela conscientização de que a natureza sempre buscará seu caminho, independentemente das barreiras humanas.

“O Bracuí é tudo para a gente. Recebemos grupos de turistas e os levamos para se banhar no rio. A água sempre foi limpa, mas depois das últimas enchentes estamos passando por sérios problemas. O curso do rio também foi modificado por conta das construções recentes”, conta Marilda de Souza Francisco, forte liderança do quilombo. Marilda também já fez parte do Conselho do CBH-BIG.



Povos da Bacia

Ela faz questão de destacar que o ser humano é o grande responsável pelas mudanças. **“Agora vamos ter que aprender a conviver com as mudanças, a receber a conta dos problemas que a gente mesmo criou. E ainda tem gente que não acredita nisso”**, diz.



A natureza, para os moradores do quilombo, é vista como uma segunda bíblia: sábia, interligada e essencial para a vida”.

O território do Bracuí abriga diversos afluentes e pequenas cachoeiras, como o Rio Caracatinga, o Rio Bonito e o Rio Pequeno, que reforçam a importância da preservação das águas.

Tradições, saberes e economia solidária

A vida no quilombo também é marcada pelo manejo sustentável dos recursos naturais. Os moradores produzem artesanatos a partir de fibras e materiais locais, preservando técnicas ancestrais. Antigamente, o Rio Bracuí era navegável, e as trocas comerciais (escambo) eram práticas comuns: quem tinha canoa ia até a cidade buscar mantimentos e trocava produtos locais como peixe e farinha por arroz, carne ou sal. Esse modo de vida, baseado na solidariedade e no respeito à natureza, hoje é quase incompreensível para quem não conhece a história da região.

Com o avanço dos grandes empreendimentos e a expansão imobiliária, a comunidade viu parte de seu acesso ao mar e aos manguezais — considerados verdadeiros berçários da vida marinha — ser restringido. A luta pelo território é, portanto, também uma luta pela soberania alimentar e pela preservação ambiental.

“O mar era um grande supermercado, a gente não tinha o que comer e ia pro mar pegar os alimentos. Hoje em dia, devido aos grandes empreendimentos e os resorts nem pode passar dentro deles, uma terra que era nossa, tudo virou construção, o mangue a restinga, toda a região. o mangue é um grande berçário do mar. as pessoas não veem isso. as pessoas que são da região não tem mais esse direito de ter essa alimentação diferenciada.

Na região da Bacia da Ilha Grande temos rios e mares e costume dizer que não adianta fazer por um e não fazer pelo outro. Temos que proteger os mares, mas temos que cuidar das bacias. A natureza é muito sábia. ela não trabalha sozinha. É tudo interligado, a mata precisa do vento para jogar a semente. A natureza ela é muito sábia. a natureza é a segunda bíblia tem que saber estudar.

Organização e educação para a resistência

Como forma de se fortalecer diante dos ataques ao território tradicional, em 2005 os quilombolas fundaram a Associação dos Remanescentes de Quilombo de Santa Rita do Bracuí (ARQUISABRA). A associação reúne jovens lideranças, griots, movimentos sociais e parceiros acadêmicos para promover a defesa dos direitos quilombolas e fomentar novas articulações.

Dentre as formas de resistência cultural, destaca-se a Educação Diferenciada, uma proposta que valoriza a história, as manifestações culturais e os modos de vida tradicionais. A Escola Municipal Áurea Pires da Gama realiza oficinas e eventos que reforçam a identidade quilombola. Graças a essas iniciativas e ao acesso a políticas públicas, cada vez mais jovens do Bracuí conseguem ingressar em universidades, rompendo um ciclo de exclusão histórica.

O saber tradicional também é preservado através da medicina popular: a comunidade organizou um livro reunindo conhecimentos sobre ervas medicinais e seus usos, reforçando a importância da sabedoria ancestral.



Povos da Bacia

O Jongo: resistência em ritmo e dança

Entre todas as manifestações culturais, o Jongo ocupa um lugar especial. Desde o século XIX, o jongo é praticado como forma de transmitir mensagens, contar histórias e reforçar laços comunitários. O Grupo de Jongo de Santa Rita do Bracuí continua a tradição, participando de rodas locais e encontros em outras comunidades, mantendo viva uma das expressões mais significativas da cultura afro-brasileira.



Almoço no Quilombo do Campinho

Você sabia que é possível ter uma experiência completa dentro de um Quilombo?

O Quilombo do Campinho da Independência, localizado a 13km do centro de Paraty oferece oficinas e um almoço tradicional e feito em fogão à lenha. Todas as refeições são preparadas com ingredientes frescos e locais, provenientes da produção agroecológica das 170 famílias que compõem o Quilombo.



Como chegar?

Localizado na altura do quilômetro 588 da Rodovia Rio Santos (BR 101).

Partindo do Rio de Janeiro, siga até Paraty. De lá são 13 km em direção à Ubatuba, na altura do km 588. Nesta altura, você encontrará placas indicando como chegar ao Quilombo.



Você sabia?

Faça parte do CBH-BIG.

Fique atento às datas das próximas reuniões!

| Mês | Plenária | GAP | Diretoria Colegiada | CTM |
|----------|------------|------------|---------------------|------------|
| Julho | | 09/07/2025 | 03/07/2025 | |
| Agosto | 14/08/2025 | | | |
| Setembro | | | 18/09/2025 | 11/09/2025 |
| Outubro | 09/10/2025 | | | |
| Novembro | | 04/11/2025 | 13/11/2025 | |
| Dezembro | 09/12/2025 | | | |

*CTM - Câmara Técnica de Monitoramento

GAP - Grupo de Acompanhamento do Plano de Recursos Hídricos.

Gostou do informativo?

Siga o CBH-BIG no Instagram (@cbh_big) e no Facebook (Facebook/cbhbig).



Comitê de Bacia Hidrográfica da
Baía da Ilha Grande